

O ROMANTISMO: CASTRO ALVES E A CONTRADIÇÃO ESCRAVISTA

NUNES, Diego de Santana.
diegonunes648@hotmail.com

BASTOS, José Reginaldo Rodrigues.
legionário_jues@hotmail.com

SANTOS, Wellington Lino dos.
aaronlino1985@yahoo.com.br

SANTOS, Maria Cristina Santana dos. (orientadora)
Graduada em Letras Português/Inglês; especialista em didática do ensino superior – pela Faculdade Pio X; mestranda em Literatura Brasileira – pela UFAL.
couto_cris@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a vida do cidadão Castro Alves para entender a contradição entre a poesia abolicionista e o convívio com os escravos. Para que isso seja ratificado, observar-se-á a relação, desde criança até adulto, dele com os negros – que tinha em casa. Também notar-se-á que o “poeta dos escravos” desenvolveu a chamada “Síndrome de Narciso”. Esta surgiu a partir da identificação com a situação do escravo. Levando-o ao desprezo total: dele mesmo e do objeto de estudo.

Palavras-chave: Romantismo, Castro Alves e a escravidão

Abstract

This article has as objective to analyze the life of the citizen Castro Alves to understand the contradiction between the referring to abolitionism poetry and the conviviality with the slaves. So that this is ratified, it will be observed relation, since child until adult, of it with the slaves - that it had in house. Also one will notice that the “poet of the slaves” developed the call “Syndrome of Narcissus”. This appeared from the identification with the situation of the slave. Taking it the total disdain: of he himself and the object of study.

Word-key: Romanticism, Castro Alves and the slavery

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Analisar-se-á a vida peculiar de um poeta da terceira fase do romantismo: Castro Alves. Essa análise evidência que “o poeta dos escravos”, assim conhecido, era patrocinado com dinheiro do tráfico de negros e que ele possuía escravos em casa.

Estudar-se-á uma parte da trajetória de vida – no tocante à relação com os escravos – de Antonio Frederico de Castro Alves, que é considerado um dos maiores poetas da terceira fase no Brasil, criando assim, um grande despertar do interesse dos leitores.

Revelar-se-á para os leitores desse texto, todo conhecimento que foi adquirido na elaboração da pesquisa. E, além disso, esclarecer a real intenção do poeta com o tema da escravidão.

O desejo de escrever sobre ele deve-se à relevância de elucidar: quem era o cidadão Castro Alves. Todos sabem que foi coroado como “poeta dos escravos”, pelo teor de poemas como “Vozes d’África” e Navio Negreiro” etc. Portanto, o interesse é mostrar a contradição entre a poesia e a vida do mesmo.

O pesquisador e historiador Alberto da Costa e Silva afirma na obra “Castro Alves: um poeta sempre jovem” que ele aproveitou o momento para tornar-se o maior expoente da poesia condoreira no Brasil. É possível depois de 150 anos, essa pesquisa possa deteriorar com a virtude dos poemas dele? Pode-se afirmar que Castro Alves não se importava com a escravidão aqui?

Por conseguinte, o poeta notou que na primeira e segunda fase do romantismo já havia grandes representantes como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo; então, ele percebeu que poderia ser o maior expoente da terceira fase, pois não havia ninguém fazendo um trabalho significativo. Logo, foi por esse motivo – entre outros – que investiu como militante abolicionista.

CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

No Brasil, a escravidão teve início com a produção da cana-de-açúcar na metade do século XVI, onde os portugueses traziam os negros africanos da África para utilizá-los na mão-de-obra escrava na fabricação do açúcar. Os senhores de engenhos vendiam os escravos aos portugueses como mercadorias no Brasil, os mais saudáveis valiam mais do que os fracos.

Iniciado pelos portugueses em meados do século XV, o tráfico negreiro mostrou ser uma atividade altamente lucrativa e, portanto, acumuladora de capitais. Na época, a Igreja aplaudia o tráfico como veículo para a conversão à fé cristã do negro

africano. Afinal, a Igreja recebia uma quantia do dinheiro arrecadado com o tráfico negreiro. O transporte era feito da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros, onde os escravos morriam antes de chegar ao Brasil por causa de doenças transmitidas por ratos como a peste, por maus-tratos, sujeira, insalubridade e superlotação dos porões; por isso seus corpos eram lançados ao mar.

Nas fazendas de açúcar os escravos eram muito maltratados, trabalhavam quase sem parar, recebiam apenas pedaços de pano velho ou usado e a alimentação era péssima. Passavam as noites em galpões escuros e com pouca higiene: conhecido como senzala; e sempre acorrentados para evitar fugas. Eram sempre castigados fisicamente com chicotes. O negro tinha que aceitar a escravidão como uma dádiva, pois, segundo a lógica da classe dominante, a Igreja o havia cristianizado e o homem branco o havia integrado à “civilização”. Também proibidos de praticarem a religião e realizarem suas festas e rituais africanos. Tinham que seguir a religião adotada pelos senhores de engenho – a religião católica. Mas, mesmo com todas as proibições, escondidos, realizavam as festas, os rituais; e desenvolveram uma forma de luta hoje bem conhecida: a capoeira.

As mulheres negras também sofriam com a escravidão, ainda de serem usadas na mão-de-obra, elas eram utilizadas como cozinheiras, arrumadeiras e sofriam bastante abuso sexual feito pelos senhores de engenho.

No século XVIII, alguns escravos conseguiram comprar sua liberdade, juntando algum dinheiro, logo muitos adquiriram a carta de alforria.

O negro sempre lutou contra a escravidão. O movimento de luta e relações escravistas adquiriu várias formas: suicídios, assassinatos de senhores, e as fugas que

levaram à formação de “quilombos”. Os quilombos, por definição, são uma comunidade formada e organizada por negros em luta pela sua liberdade. Em qualquer lugar do Brasil onde prevalecessem relações escravistas surgiam quilombos. Das dezenas de quilombos existentes no Brasil, destacamos o “Quilombo dos Palmares” comandado por Zumbi.

O Romantismo, como movimento literário, surgiu quase que ao mesmo tempo na Alemanha e na Inglaterra. Surgiu na Alemanha em 1774, com a publicação do romance *Werther*, que foi o marco inicial do romantismo, considerado por muitos como uma obra prima da literatura mundial. Essa obra é de Goethe (Johann Wolfgang Goethe) que nasceu em Frankfurt am Main, em 28 de agosto de 1749, e morreu em Weimar em 22 de março de 1832. Foi dramaturgo, romancista, ensaísta e o maior poeta da Alemanha. Sendo que este lançou as bases definitivas do sentimentalismo romântico. Na Inglaterra surgiu nos primeiros anos do século XIX, por meio da poesia de Lord Byron, que pregava tristeza e morte. E de Walter Scott, por meio de seus romances históricos. Walter Scott foi influenciado pela poesia Alemã, sendo que desde pequeno deixava os visitantes surpresos pela sua memória aguçada quando se tratava de recitar poesias. Nasceu em Edimburgo, Escócia, em 15 de agosto de 1771 e era membro de família nobre escocesa. Na França teve seu início graças à influência rebelde, social e declamatória de Victor Hugo que deu o tom exaltado e grandiloquente da poesia de Castro Alves aqui no Brasil. O movimento se desenvolveu paralelamente à Revolução Francesa, que tinha como lema “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”. Sendo a França, o maior centro divulgador do romantismo europeu. Em Portugal, surgiu em 1825, com a publicação de *Camões*, de Almeida Garret. Surgiu em seguida no Brasil em 1836, com a publicação do livro de poesias *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de

Magalhães. Sendo de fato que o romantismo brasileiro iniciou-se pela poesia e só em 1843, que surgiu o primeiro romance romântico.

A origem do nome “Romantismo” vem dos romances medievais e narrativas fantasiosas, que foram muito difundidas entre as pessoas do povo. Elas continham três itens básicos que eram: amor, aventura e heroísmo.

Ao mesmo tempo em que surgia o romantismo, movimento europeu em oposição ao Classicismo, que evoca, uma por uma, as idéias de natureza, de heroísmo e de sentimentalismo. Ocorreram grandes movimentos históricos em alguns países, como, a Revolução Francesa, na França; e a Independência, no Brasil.

As características principais do romantismo são o subjetivismo, que tem o compromisso com o individual; A imaginação criadora, ou seja, fugindo dos problemas da realidade, criam-se mundos imaginários situados no passado ou futuro; O Exagero que, ao buscar a perfeição, o romântico acaba caindo nele; O Desejo de Morte negava aos jovens a participarem das injustiças da sociedade, assim como a escravidão da qual não concordavam, buscando a morte como meio de não ver e participar de tais acontecimentos. Os românticos queriam romper com aquela arte previsível buscando atingir um público maior do que o Classicismo: a nobreza. Entregava-se à emoção, a liberdade das formas, à valorização e ao individual. Que era bem ao gosto burguês.

O Romantismo brasileiro nasce logo após a independência do Brasil. Nesse momento em Paris, Gonçalves de Magalhães funda a revista Niterói, que trazia como título: “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”, dando o impulso inicial ao movimento romântico brasileiro. No entanto, foi Gonçalves Dias o responsável pela consolidação da literatura romântica no Brasil. Neste mesmo ano e local, Gonçalves de Magalhães

publica “Suspiros Poéticos e Saudades”, livro que estreia a literatura romântica no Brasil. Veio em seguida a revista “O Correio Brasiliense” (1808-1822); “As Variedades e Ensaios de Literatura” (1812), que foi a primeira revista literária fundada no Brasil e a “Patriota” (1813-1814). Deste modo a imprensa contribuiu muito para o desenvolvimento do ambiente propício para o romantismo em nossas terras.

Para compreender-se o panorama histórico e cultural do Romantismo é necessário conceber os fatos históricos que coincidiram com as manifestações românticas e que marcaram o movimento. A Revolução Industrial na Inglaterra em 1750; A Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira, em 1789; e a vinda da família real para o Brasil em 1808. Sendo estes movimentos políticos que consolidaram a independência do Brasil.

O Romantismo no Brasil teve significado secundário, pois rejeitou a literatura produzida na época colonial, ou seja, a dos portugueses. Por isso na primeira geração romântica, eles tiveram a preocupação de garantir uma identidade nacional que se separassem de Portugal, buscando no passado histórico elementos de origem nacional. Foi um período marcado pelo sentimento de nacionalismo e desejo de criar nossa independência política e econômica.

Em 1808, o Rio de Janeiro destaca-se como centro urbano, para onde vão artistas que sofreram influências de tendências da Europa. O pólo de riqueza desloca-se de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e, conseqüentemente para São Paulo, onde começa a desenvolver-se a cultura cafeeira. Em 1822, o Brasil alcança sua autonomia política. Comemorando assim, o abandono dos temas clássicos, buscando então temas nacionais, ou seja, de uma língua brasileira.

Na Primeira Geração nacionalista, indianista e religiosa. São apresentados alguns poetas que se destacam como: Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães. São eles reconhecidos como nativista, pois os romances e obras poéticas retratam índios vivendo livres na natureza, além de ser transformado no símbolo do homem honesto e incorruptível.

A Segunda Geração tem como tema a morte. Sendo que seus escritores tinham uma visão negativa da vida e da sociedade, expressando assim seu pessimismo e não aceitando a realidade. Também conhecida como Ultra-Romantismo, seus autores apresentavam o amor exagerado, medo, desejo e culpa.

A Terceira Geração, conhecida como a do “Condoreirismo”, visava a poesia social, ao tratarem de temas abolicionistas e republicanos. Castro Alves foi o poeta que mais se destacou ao tratar da escravidão. Tendo ficado conhecido como “o poeta dos escravos” ao retratar o lado pobre e esquecido da sociedade.

CASTRO ALVES

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em 14 de março de 1847, em Curralinho (atual Castro Alves), e morreu em 10 de fevereiro de 1871 na Bahia, filho do médico Antônio José Alves e de d. Cléia Brasília da Silva Castro.

Eles eram filhos ilegítimos: do avô paterno que se chamava Antônio José e da avó não se guardou o nome; do avô materno, José Antônio da Silva Castro era um grande senhor de terras, no seu inventário constam dezesseis fazendas. Já sua avó era Ana Veiga de família de ciganos espanhóis.

A paisagem da fazenda Cabeceiras, com a montanha por linha do horizonte, era savana, e dela não destoava a casa, térrea, atijolada, de paredes de adobe, pintada de branco, com quatro águas cobertas por telha-vã, três lados protegidos por

alpendres, oito janelas de frente, quatro de fundo e seis de cada lado, todas, como era de regra no sertão, de madeira inteiriça, sem persianas nem postigos envidraçados. A planta era um quadrado, dividido ao meio por um longo corredor que levava da porta de entrada até a sala de jantar, no fundo. De um lado havia a sala de receber, a capela e um quarto; do outro, uma segunda sala, outro quarto, uma alcova, a despensa e a cozinha. O banheiro e a latrina ficavam do lado de fora. E próximas, as habitações dos escravos. (Costa e Silva, 2006, p.10)

Na fazenda Cabeceira, nasceram o poeta e mais três irmãos: José Antônio, João e Guilherme. O segundo faleceu prematuramente. Sua irmã Elisa nasceu em São Felix, cidade vizinha. Alguns anos depois, já em Salvador, nasceram Adelaide e Amélia; irmãs mais novas do poeta. Após algumas mudanças, foram morar próximo ao largo do pelourinho; a família vivia no andar superior do sobrado, pois, no térreo, o Dr. Alves atendia escravos, não recebia nada dos senhores, caso o escravo não se curasse (segundo o “Jornal da Bahia” em 12 de abril de 1855).

Em 1858, mudaram-se para a quinta ou roça da Boa Vista (brotas), por causa dos problemas de saúde de d. Cléia. Esse casarão exigia certo número de escravos e isso era compatível com o progresso do Dr. Alves. Ele também foi agraciado com duas condecorações: a Ordem da Rosa e a Cruzeiro, que não eram fáceis de receber. Elas confirmam o prestígio que conquistara o Dr. Alves, principalmente como humanitário, durante um surto de cólera na Bahia.

Os Alves se tinham mudado para os arredores da cidade, mas para uma bela propriedade, que existe até hoje. A chácara, cercada por um muro alto, tem amplo portão de ferro gradeado na entrada. Bem em frente ao portão, no fundo, fica a sede da quinta: um casarão tão grande que viria a ser, a partir de 1874, o hospital de alienados, tendo por nome, primeiro, Asilo de São João de Deus e, bem mais tarde, hospital Juliano Moreira. Com dois andares, paredes grossas e amplas portas e janelas, mostra num dos lados uma grande torre, com mais dois andares, cada qual com duas janelas por face. Em cima dessa torre, vê-se um campanário com um sino de bronze. No vasto terreno, cheio de árvores, havia uma fonte, com sua carranca e redoma de azulejos, e, separada do prédio principal por uma grande mangueira, a senzala. (idem, p.12)

A quinta tinha uma mobília afrancesada que era comum nas residências aristocráticas e burguesas. O Dr. Alves apreciava as artes, nas paredes havia cópias de

quadros flamengos e holandeses oitocentistas. Ele formou-se em medicina e especializou-se em paris. Viajou pela França, Bélgica, Holanda e Alemanha, a ver todo tipo de arte. “Foi o principal responsável pela criação da Sociedade de Belas Artes e estava entre os fundadores do instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Grêmio Literário”. Nesses lugares, os homens de saber e bom gosto reuniam-se para comentar suas leituras, revelar suas descobertas e trocar experiências.

O poeta dos escravos – era assim conhecido – chamado de Céceu, pelos mais próximos. Ele teve uma infância tranqüila no grande terreno que circundava o casarão da Boa Vista. Céceu e seus irmãos gozavam da vida de liberdade; brincavam de cabra-cega, de esconde-esconde, tascavam piões, empinavam papagaio etc. não era incomum, os meninos escravos serem companheiros de folguedos, porém quando algo dava errado, eles levavam a culpa e sofriam os castigos pelas traquinagens do grupo.

A irmã dele Adelaide recordou que a ama-de-leite Leopoldina – escrava do pai – contava-lhe as histórias sobre a vida em cativeiro. “Era uma velhinha de oitenta anos, sinhá Janinha, que morava numa casinhola dentro dos muros da chácara”.

Esses relatos somaram-se às cenas a que Céceu assistiu, tão comuns no dia-a-dia da época, de humilhação e castigo de escravos, para despertar na alma de menino sensível piedade e revolta. E experimentou, com os irmãos – quem isto lembra é ainda Adelaide –, uma emoção muito forte, quando viu, na quinta da Boa Vista, os troncos de suplicar escravos – os pés, os de pescoço, os de mãos e os de pés e mãos –, que lá se encontravam, com outros instrumentos de tortura, quando o Dr. Alves, em 1856, adquiriu o imóvel. (idem, p.14)

Talvez sinhá Janinha tenha contado aos garotos sobre o antigo dono da quinta. Antes da independência, pertencera a um português do Minho, “Manuel José Machado – grande de contrabandista e mercador de escravos; senhor impiedoso, esturador de negrinhas e dono de um considerável número de filhos mulatos”. Esse traficante de escravos tinha outra faceta – que sinhá Janinha ignorava – o de colaborador. Ajudou

construir a praça do comércio e o teatro São João, do qual foi diretor até a morte; e o de humanitário, deixou a maior parte dos bens para a santa casa da misericórdia – a fim de pagar os pecados dele; e onde foi enterrado com o hábito de cristo. Antônio começou a estudar com cinco a seis anos: primeiro, com professor particular, ainda em São Félix. Depois foi para o Ginásio Baiano, seu docente era o grande Abílio César Borges, famoso pelos métodos de ensino. Com ele, aprendeu português, latim, francês, história e geografia. Bom aluno que era, conseguia traduzir versos de Horácio e todas as poesias de Victor Hugo.

D. Cléia não teve tempo para aclamar o talento do filho prodígio: finou-se 1859. Ela foi vítima de tuberculose. Logo após, Dr. Alves anuncia no jornal que precisava “de senhora de alguma educação” para cuidar dos meninos, pois não queria deixá-los sob cuidados exclusivos das escravas.

Algum tempo depois, Dr. Alves casou-se com a viúva d. Maria Ramos Guimarães, dona do mais belo casarão da Rua do Sodré, em 24 de janeiro de 1862. Em seguida mudou-se com os filhos para o palacete da nova mulher.

O primeiro marido de d. Maria, o português Francisco Lopes Guimarães, era proprietário de navios negreiros – conhecemos o nome de três: Queri, Maria e Chinfrim –, e ganhara muito dinheiro com o tráfico de escravos e outras atividades comerciais. Lopes Guimarães apareceu, como um dos seus correspondentes, nas cartas do mercador de escravos estabelecido em Ajudá, Anexô e Agué, na Costa da África, José Francisco dos Santos, “o Alfaitate”, que era, por sua vez, genro do maior de todos, o famoso Chachá Francisco Félix de Souza. Figura também como credor do filho do Chachá, Antônio Félix de Souza. (idem, p.19)

Em 1851, depois da morte de Lopes Guimarães, a viúva d. Maria assumiu os negócios do ex-marido. Em 1852, o cônsul britânico “incluiu o nome dela – viúva Lopes – entre os de 28 pessoas que talvez ainda traficassem escravos clandestinamente na Bahia”. Isso se deu por causa da “promulgação do Bill Aberdeen, que autorizava os

navios de guerra britânicos a capturar barcos suspeitos, ainda que não tivessem escravos a bordo e até mesmo em águas territoriais brasileiras, a repressão ao tráfico fez-se mais efetiva”.

É esse dinheiro do tráfico de negros que vai contribuir “para o bem-estar da família Alves e para os estudos, a elegância, a boêmia e os amores do poeta. Salvador viverá até 1850 na dependência de tráfico negreiro. Essa prática era a principal atividade da cidade”.

Para ter-se uma noção maior da importância do escravo e como isso estava enraizado na população da época:

O escravo estava por toda parte. A primeira coisa que ocorria a alguém que melhorava de vida, até mesmo a um ex-escravo agora liberto, era adquirir um escravo. Esse era o melhor investimento para um marceneiro, uma doceira, um barbeiro, uma costureira. As pessoas aplicavam as economias em escravos, que punham a trabalhar para si ou alugavam a outras, e havia muita gente que vivia disso. Até mesmo em alguns contos populares, nas versões locais das histórias de Trancoso, quem enricava por milagre ou recompensa por uma bondade se apressava em construir um palácio, casar-se e comprar escravos. (idem, p.23)

Antônio, com quase 15 anos, embarcou num navio com o pai, a madrastra e o irmão José Antônio rumo a Recife, onde os irmãos iam estudar direito. Nessa época, só havia no Brasil duas faculdades de direito: uma em Recife e outra em São Paulo.

Eles foram morar numa república de estudantes, onde Antônio conheceu entre outros: Augusto Álvares Guimarães e Luiz Cornélio dos Santos. Segundo este em meados de 1863, ele teria tido uma hemoptise:

Cornélio e os demais companheiros de república haviam saído, deixando Castro Alves sozinho. Ao regressarem, encontraram-no deitado numa rede, abatidíssimo, de olhos fechados, com uma toalha ensangüentada na mão. Também a rede e a camisa do rapaz estavam cheias de sangue. Durante um acesso de tosse, na ausência dos amigos, Antônio havia lançado golfadas de sangue pela boca”. (idem, p.29)

Nesse período, o poeta já mostrava uma tendência para a poesia abolicionista, como confirmou o poema “A canção do africano” publicada no jornal acadêmico de direito “A primavera” em 1863.

Os escravos de Castro Alves amam entre si com fidelidade e constância, e são visceralmente apegados aos filhos”. Além de “devotos aos seus, nobre, altivo, valente e reto. Na verdade dos casos, um resistente, um inconformado, um vingador, um rebelde. (idem, p.31)

Um pouco antes dessa publicação, ele foi ao teatro Santa Isabel, assistir à peça Dalila, de Octave Feuillet. Foi nessa companhia dramática que conheceu Eugênia Câmara, a grande paixão dele. Ficaram juntos por alguns anos, mas as constantes discussões desgastaram o relacionamento até que em 1868, separam-se. O poeta sofreu muito com a separação:

Castro Alves foi morar com Rui Barbosa, numa república de estudantes na ladeira da Conceição. Nesses dias em que viveram sob o mesmo teto, a intimidade – e a palavra é de Rui – que existia entre os dois baianos se estreitou. Rui deve ter amparado com seu afeto o amigo mais velho, um jovem de 21 anos que via romper-se o seu grande amor. A separação, para ele – e também para Eugênia –, foi dolorosíssima. Como se o partissem ao meio. Deixou de ler, de escrever, e fumava sem parar. Só saía de casa para o campo, a caçar ou fingir que caçava. (idem, p.134)

Porém, antes disso, em 1864, havia algo que o preocupava muito: José Antônio. Este começava a manifestar sintomas de doença mental. “Foi para Currealinho. Lá ninguém conseguia prendê-lo em casa. Internava-se num capão de mato que havia nas proximidades da fazenda, e só com muito esforço conseguiriam tirá-lo de lá. Acabou por suicidar-se, com uma ingestão excessiva de remédios – todo um fracasso”.

Depois da morte do irmão, a doença agrava-se e o poeta sabia que iria morrer, e que tinha tudo para entrar na história. “E ele diz isso, num ritmo propositadamente lento e com aquela sinceridade que marca os melhores instantes dos grandes poetas românticos brasileiros”:

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito

Um mal terrível me devora a vida:

Mas morrer para ele:

[...] é trocar astros por círios,

Leito macio por esquife imundo,

Trocar os beijos da mulher – no visco

Da larva errante no sepulcro fundo.

Dois anos depois da morte do irmão, Castro Alves assistiu ao falecimento do pai, com apenas 48 anos, vítima de um coração cansado. Morrera deixando a viúva numa situação difícil, endividada com empréstimos feitos a bancos e amigos. Além disso, os proventos de professor e de cirurgião foram anulados, deixando-a com a responsabilidade de cuidar dos enteados: sozinha.

D. Maria conseguiu resolver o problema com a venda da quinta, manteve o nível de vida e “sem deixar de custear os estudos e as estroinices do enteado mais velho – Castro Alves. Em momento nenhum deixou de mandar-lhe a mesada nem de pagar-lhe as taxas acadêmicas, as viagens, as roupas e, mais tarde, as despesas médicas”.

Na época que Antônio conviveu com Eugênia por dois anos, na casa do barro que era pequena, mas exigia trabalho. Havia um pajem que cuidava dele e uma moça que atendia à atriz, e uma outra serviçal.

Os abolicionistas deviam enfrentar diariamente problemas de consciência. Eram contrários a uma instituição que os forçava a depender dela, pois não logravam dar três passos sem usar escravos, já que toda a sociedade, no seu dia-a-dia, sobre eles se assentava. Para começar, suas casas dificilmente funcionaria sem eles, uma vez que por trabalho de escravo se tinham as tarefas domésticas: buscar água no poço, rachar lenha, recolher os penicos e capitães nas alcovas e limpá-los, após despejá-los nas caixas de retrete, lavar e passar roupas, varrer o chão, lustrar os móveis, arrumar as camas, cozinhar, servir ou fazer as compras da casa. (idem, p.63)

Também, houve outro pajem, chamado Grégorio filho da ama Leopoldina, que o serviu por muito tempo. No inventário de d. Cléia Brasília, ele estava como escravo.

Alguns anos depois, ele ainda consta como escravo da notícia no “Jornal do Recife” sobre a chegada à cidade, em março de 1865, de Castro Alves e Fagundes Varela. Todavia, aparece como criado no “Diário da Bahia”, meses depois, em dezembro ao descer do navio em Salvador.

As imagens da África que Castro Alves trabalha nos poemas são superficiais e contrárias à realidade na qual viviam os escravos. Isso se deu por causa das influências dos grandes poetas como Victor Hugo, Pierre-Jean de Béranger, John Greenleaf Whittier e Heinrich Heine.

Porém, Castro Alves poderia ter trabalhado essas imagens, fundamentando-as na realidade; já que possuía escravos em casa, “bastava-lhe ganhar a confiança de um escravo africano e pedir que lhe contasse as experiências”. Ou até mesmo como era a terra natal, se era deserto lá, como eles faziam para sobreviver, se havia floresta etc., todavia preferiu ignorar essas especulações que poderiam ajudar a construí-las, mostrando despreocupação e insensibilidade à realidade dos negros.

Essa falta de suscetibilidade teria se atenuado: “se tivesse ouvido um escravo falar de sua terra natal, ou do que dela contaram seus pais, certamente não teria descrito a África sem qualquer amparo na realidade, a repetir as imagens tiradas do romantismo francês e a estender para o sul do Saara as paisagens do deserto. Entretanto, não eliminada por motivos óbvios: ele não quis ser um exemplo de abolicionista autêntico, isto é não só falar ou escrever como tal, mas viver como um, desvelando de qualquer tipo de serviço escravo.

Isso continua no poema “Vozes d’ África”, neste trecho:

“O cavalo estafado do beduíno
 Sob a vergasta tomba ressupino
 E morre no areal.
 Minha garupa sangra, a dor poreja,
 Quando o chicote do simoun dardeja
 O teu braço eternal”.

Castro Alves comete um equívoco, “convoca o simum, que sopra do Saara para o norte da África, e não, o Harmatã, que bafeja do deserto para o sudeste e era o vento a que estavam acostumados muitos dos escravos africanos no Brasil. Além disso, ele fala de uma “África dramática, desolada, desesperada, mas que pouco tem a ver com as terras de onde foram arrancados os escravos que penavam aqui”.

“De Tebas nas colunas derrocadas
 As cegonhas espiam debruçadas
 O horizonte sem fim...
 Onde branquejava a caravana errante,
 E o camelo monótono, arquejante
 Que desde de Efraim...”

Aí está uma África que, apesar da extraordinária beleza visual dessa passagem (sobretudo nesses seis versos), desconhece a si própria, ao lamentar não ter uma única sombra de floresta, quando possui a imensa bacia do Congo, e o Gabéria, da Costa do Marfim, da Costa do Ouro, da Nigéria e dos Camarões – para só mencionar regiões de onde vieram tantos africanos para o Brasil. (idem, p.121)

Essa África é infeliz e trágica. “Bem distinta das Áfricas das quais tinham saudade os escravos no Brasil, das Áfricas onde eles punham o paraíso perdido e à qual aspiravam, em algum dia venturoso, em corpo ou em espírito, a regressar”. Na verdade, a intenção dos abolicionistas era chocar “as plateias de brancos e de caboclos e mulatos culturalmente embranquecidos e europeizados. O retrato trágico exigia o deserto”.

CONCLUSÃO

Castro Alves foi o maior expoente da poesia abolicionista no Brasil. Porém, há explicações para tamanho investimento do poeta nessa causa. Para compreender, analisar-se-á a convivência com os escravos quando criança, o patrocínio com dinheiro do tráfico negreiro, a influência da poesia de Victor Hugo, a relação com o pajem que o acompanhava, a falta de sensibilidade à realidade dos escravos.

A convivência com os escravos quando criança é, extremamente, superficial e singela. Ela é consequência das poucas visitas à senzala e da relação deveras artificial. Isso quer dizer que brancos não tinham acesso à intimidade dos negros, mesmo se tivessem não se interessariam.

Isso foi enraizado na alma do poeta. Todavia, há um ponto que serve de catalisador: a angústia. Ele via escravos marcados e ensangüentados pelas ruas, depois de serem castigados; viu os instrumentos de torturá-los, também. Por esses motivos, “o poeta dos escravos” desenvolveu o egocentrismo; ou seja, ele via a imagem dele, como reflexo de um espelho, na figura do escravo. Por isso, essa insensibilidade – esta era consequência do desregramento –, deixando transparecer o descuido com o tema e a própria vida.

Levando em consideração, o que foi dito acima, ele foi patrocinado com dinheiro do tráfico negreiro. D. Maria Ramos era viúva de um dos maiores traficantes de negros do Brasil. Então fica evidente que todo o espólio é de origem do negócio negreiro. E é esse espólio que ajuda no bem-estar da família Alves, principalmente o enteado preferido: Castro Alves. Esse dinheiro é investido nos estudos, na elegância, na

boêmia e nos amores do poeta. O mais interessante é que nunca se preocupou com isso. Simplesmente ignorou o fato, mesmo sendo abolicionista, mesmo sabendo a estirpe.

Outro ponto é a influência da poesia de Victor Hugo. Esse é um dos motivos mais sem fundamentos, pois o poeta retrata uma realidade que não coincidia com a dos escravos; sendo ela imitação da do orientalismo francês.

Castro Alves poderia fazer uma obra original e não uma mera cópia dos franceses. Ele teve a oportunidade de conviver com negros, mas não quis ter uma relação mais profunda com os escravos.

Essa relação sempre foi de senhor e escravo. Havia um pajem que o acompanhava ajudando no que fosse preciso; e também havia escravos em casa que ficavam responsáveis pelos serviços domésticos. Nunca fez referência a essa forma de “tortura”, que para a época era comum.

A falta de sensibilidade à realidade dos escravos é uma constante na poesia e na vida dele. Castro Alves desenvolveu a síndrome de narciso, isto é, fundiu-se à figura do escravo. E isso foi possível por causa da tragédia que era comum na vida dos dois – tanto do negro quanto a dele – como a morte da mãe, do irmão, do pai, e a separação da grande paixão: Eugênia Câmara. Ademais, o grande cativo: a tuberculose. Com isso, ficava na mesma situação do negro, sonhando em um dia voltar para a terra natal, física ou espiritualmente. Portanto, quando falava do cativo, falava dele mesmo.

A morte era decifrável. Ela iria chegar muito cedo tinha consciência disso. Logo começou a dedicar-se febrilmente a causa abolicionista ou dele mesmo, visto que queria deixar uma obra significativa para literatura romântica condoreira.

Então, “o poeta dos escravos” é narcisista. Na verdade, ele queria se livrar do cativeiro, da dor, da tragédia etc.; e não o negro que nem coragem teve para conseguir informações concretas sobre eles. Entretanto, os poemas dele não perderam as virtudes, a força poética etc., mas é possível afirmar a falta de suscetibilidade ao tema da escravidão, ao negro e a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. O romantismo no Brasil. – São Paulo: Humanitas, 2004

COSTA E SILVA, Alberto da. Castro Alves: um poeta sempre jovem. – São Paulo: Companhias das letras, 2006

ROMERO, Silvo. Compêndio de história da literatura brasileira; org. Luiz Antônio Barreto. – Rio de Janeiro: Imago Ed. Universidade Federal de Sergipe, 2001

MOISÉS, Massuad. História da literatura Brasileira: das origens ao romantismo. – São Paulo: Cultrix, 2001